

ESPIRITUALIDADE LITÚRGICA DOS SERVIÇOS E MINISTÉRIOS

INTRODUÇÃO

“(…) Peço a todos (…) ajudem o povo santo de Deus a beber daquela que sempre foi a primeira fonte da espiritualidade cristã” (nº 61); “Gostaria que esta Carta nos ajudasse a reavivar a nossa admiração pela beleza da verdade da celebração cristã, assim como a lembrar-nos da necessidade de uma autêntica formação litúrgica e a reconhecer a importância de uma arte de celebrar que está ao serviço da verdade do mistério pascal e da participação de todos os batizados, cada um segundo a sua vocação” (nº 62).

Estas interpelativas palavras do Papa Francisco na Carta Apostólica *“Desiderio Desideravi”* sobre a Formação litúrgica do Povo de Deus de 29 de junho de 2022, introduzem-nos bem no Tema: *“Espiritualidade Litúrgica dos Serviços e Ministérios”*.

Sabemos que nem todos os serviços se tornam ministérios (ordenados, instituídos, reconhecidos) e que nem todos os serviços ministeriais têm o mesmo grau de sacramentalidade, oficialidade e estabilidade, e que os mesmos não se referem somente à dimensão litúrgica, ao *“múnus santificandi”* – a celebração sacramental e a oração comunitária (também são significativos no *“múnus docendi”* – na pregação da Palavra, evangelização, catequese; e no *“múnus regendi”* – no encargo de governar e servir a comunidade na caridade para a comunhão e a unidade), mas também já sabemos que é na Liturgia, *“cume e fonte”* da vida da Igreja, toda ela ministerial, que os mesmos encontram a sua mais profunda identidade e missão, a sua fecundidade.

Esta consideração enquadra a valorização do Tema proposto à reflexão. Depois de uma breve Introdução, procuro abordar primeiramente, ainda que de modo sucinto, a dimensão da Espiritualidade Litúrgica, apresentando depois as suas características fundamentais. A partir delas apresentarei a dimensão da Espiritualidade litúrgica no exercício dos vários serviços e ministérios dando particular atenção à *“lex orandi”* da Igreja, fruto da sua *“lex credendi”* e fonte para uma fecunda *“lex vivendi”*.

Ao preparar a apresentação desta reflexão¹, comecei por lembrar as palavras antigas, mas de extraordinária atualidade, de São João Paulo II na Carta Apostólica: “Novo Millenio Ineunte”, de 6 de Janeiro de 2001, onde já se identificava a busca contemporânea da espiritualidade e se enfatizava a validade da proposta cristã, que valorizando a importância do encontro com Cristo e da relação íntima e de comunhão com Ele, nos apresenta o caminho indispensável para uma vida cheia de beleza, de sentido e de fecundidade. Dizia o Papa:

“Não será porventura um “sinal dos tempos” que se verifique hoje, não obstante os vastos processos de secularização, uma generalizada exigência de espiritualidade, que em grande parte se exprime precisamente numa renovada carência de oração? (...) Nós que temos a graça de acreditar em Cristo, revelador do Pai e Salvador do mundo, temos obrigação de mostrar a profundidade a que pode levar o relacionamento com Ele” (NMI 33).

Mais tarde, quando da celebração dos 40 anos da Constituição Conciliar litúrgica, a Sacrosanctum Concilium, na Carta Apostólica “Spiritus et Sponsa” de 4 de Dezembro de 2003, formularia os seguintes votos: *“Que neste início de milénio se desenvolva uma “espiritualidade litúrgica”, que leve as pessoas a tomarem consciência de Cristo como primeiro “liturgo”, que não cessa de agir na Igreja e no mundo, em virtude do Mistério Pascal continuamente celebrado, e associa a Si mesmo a Igreja para louvor do Pai, na unidade do Espírito Santo”*(SS 16)

Sabemos que a vida cristã, uma vida inteiramente nova, requer sempre uma vida espiritual. E esta, também considerada vida interior, é a vida tecida e forjada no dom do Espírito Santo de Deus e em nós manifestada, por esse “Espírito que nos foi dado” (Rom 5,5) e pelo qual foi derramado em nossos corações o amor de Deus para ser vivido e testemunhado, colocando-nos ao serviço da Igreja e do mundo.

Mas importa não esquecer, nem menorizar, que a Liturgia está na origem, no desenvolvimento e na consumação dessa vida. É principalmente na Liturgia, *“o exercício da função sacerdotal de Jesus Cristo”* (SC 7) para a santificação dos homens e o culto a Deus, um *“culto no Espírito e na verdade”* (cf. Jo 4, 23; Rom 12, 1), na participação do seu mistério, e nas expressões com que esse mesmo mistério é celebrado e assumido, que o Espírito Santo atua e renova, transformando-nos por Jesus Cristo, o Homem Novo em homens novos.

Toda a nossa vida é um desafio a nos conformarmos com Ele, a vivermos segundo o Seu Espírito, dom que o Ressuscitado nos concede como o Senhor que dá a vida, o Paráclito, nosso defensor e consolador. A vida cristã não é só viver como Cristo, mas viver dele: *“Por Cristo; com Cristo, em Cristo”*. Vida que inicia pelo nosso encontro com Ele e vem dar horizonte novo e decisivo à nossa existência, tornando-nos testemunhas do Ressuscitado e portadores da alegria e da esperança cristã no mundo (cf. DCE 1).

¹ Para o aprofundamento sobre este Tema da Espiritualidade Litúrgica pode consultar-se: J. CASTELLANO CERVERA, Liturgia e Spiritualità, in Scientia Liturgica, vol. II, Ed. Piemme 1998, pp. 63-82; B. NEUNHEUSER, Spiritualità litúrgica, in NDL, Ed. Paoline, Roma 1984, pp. 1419-1442; J. SUBDRAACK, Espiritualidad, in K. Rahner (ed.), Sacramentum Mundi, vol. 2, Ed. Herder, Barcelona, 1972, 830-849; Liturgia e spiritualità, RPL, 3 (1984); Liturgia: spiritualità nella Chiesa, RL, 4 (1986); S. MARSILI, Spiritualità litúrgica, in *I segni del mistero di Cristo*, Ed. Liturgiche, Roma 1987, pp. 463-503; A.M. TRIACCA, *Per una definizione di “spiritualità cristiana” dall’ambiente litúrgico*, in Not, 25 (1989), pp. 7-18. Sobre os serviços e Ministérios pode-se consultar: E. LODI, Ministério/Ministérios, Dicionário de liturgia, Ed. Paulinas, 2003, pp.736-749; T. A. KROSNIKI, Ministerialità litúrgica, in Scientia Liturgica, vol. II, Ed. Piemme 1998, pp 167-178; J. ALDAZÁBAL, Ministérios ao serviço da comunidade celebrante, Ed. Paulinas, 2011.

Não há, na verdade, vida cristã sem vida espiritual e esta não pode existir nem subsistir sem a Liturgia, embora saibamos que, *“a vida espiritual, porém, não se reduz unicamente à participação na sagrada Liturgia”* (SC 12).

A espiritualidade é vida santificada em Cristo². Caracteriza-se pelo nosso seguimento de Jesus, o Vivente. É Vida na Graça e em Graça, vivificada pela Trindade, que a Liturgia na celebração dos mistérios atualiza e torna presente (cf LG 39-42).

A Liturgia é a espiritualidade cristã, porque expressão da fé em Jesus Cristo, acreditada, celebrada, vivida e testemunhada pelos sacramentos, na oração, na escuta da Palavra, na experiência do mistério onde se anuncia e se antecipa a visão da glória (cf. CIC nº 1691-1696. 1699. 2012). Não pode reduzir-se simplesmente a uma interioridade, nem a vaga religiosidade ou a uma vida honesta e moral. Exige que nos unamos a Cristo, que deixemos que Ele viva em nós, como os sarmentos à videira (cf. Jo 15, 1-9) e vivamos imersos n’Ele produzindo os frutos no Espírito, dando glória a Deus Pai.

Assim o salienta o Magistério da Igreja, apresentando o lugar fundamental da Liturgia na vida espiritual cristã como *“fonte primeira e indispensável do verdadeiro espírito cristão, que é a participação ativa nos santos mistérios e na oração pública e solene da Igreja”*³

Significativas e claras a este respeito são as palavras da Constituição Litúrgica convidando a redescobrir a própria celebração como expressão de uma autêntica vida espiritual:

“Com efeito a Liturgia, mediante a qual, sobretudo no divino Sacrifício da Eucaristia, se realiza a obra da nossa redenção, contribui no mais alto grau para que os fiéis testemunhem no seu viver e manifestem aos outros tanto o Mistério de Cristo como a natureza genuína da verdadeira Igreja. (SC 2); Ao reformar e promover a sagrada Liturgia deve dar-se a maior atenção à plena e animada participação de todo o povo, pois é ela a primeira e necessária fonte onde os fiéis hão-de ir beber o espírito verdadeiramente cristão” (SC 14)

Uma espiritualidade autenticamente litúrgica deve levar-nos a mergulhar no mistério de Cristo, experimentado pessoal e comunitariamente na liturgia, eixo da transformação cristã. Por isso importa que nos interpelemos e questionemos: vivemos da Liturgia que celebramos?

² A vida em Cristo é expressão usada com frequência nas Cartas Paulinas: Cf. Fil 1, 21. Sobre o aprofundamento da espiritualidade como vida em Cristo leia-se também: N. CABASILAS, *A vida em Cristo*, Secretariado Nacional de Liturgia, Fátima 2020.

³ Pio X, Motu próprio *“Tra le sollecitudini”*, AAS 36 (1903-1904) 331. O Compêndio da Doutrina Social da Igreja refere a dimensão e importância da Espiritualidade no Capítulo XII: *Doutrina Social e Ação eclesial*, apartado II, sobre a *Doutrina Social e Compromisso dos cristãos leigos* (545-546). No Índice analítico do Compêndio aparece inserida na coluna da Esperança: *“Os cristãos leigos são chamados a cultivar uma autêntica espiritualidade laical que os regenere como homens e mulheres novos, imersos no mistério de Deus e inseridos na sociedade, santos e santificadores”* (545); *“A síntese entre fé e vida exige um caminho ritmado com sabedoria pelos elementos qualificadores do itinerário cristão: a referência à Palavra de Deus, a celebração litúrgica do Mistério cristão, a oração pessoal, a experiência eclesial autêntica enriquecida pelo serviço formativo de sábios guias espirituais, o exercício das virtudes sociais (as naturais: hábitos adquiridos pela repetição de atos bons, que levam a agir corretamente; as sobrenaturais: as teológicas: fé, esperança, caridade; as morais – atos de bondade. Polarizam-se em torno das virtudes cardeais: prudência, retidão da justiça, a firmeza da fortaleza e a moderação da temperança) e o perseverante esforço de formação cultural e profissional”* (546).

A espiritualidade que se vive na Liturgia depende também em grande medida do como se vive da liturgia. A vida espiritual, liturgicamente orientada, nasce de uma celebração consciente e frutuosamente vivida⁴ que permita a nossa união com Deus.

1. A ESPIRITUALIDADE LITÚRGICA É ESPIRITUALIDADE CRISTÃ

A vida espiritual, edificada profundamente pela Liturgia, não é uma forma de vida facultativa ou opcional, mas vida necessária, comum a todos os discípulos de Cristo. A espiritualidade litúrgica é, na verdade, a espiritualidade da Igreja, espiritualidade cristã. Aquela representa o específico cristão da vida interior e a objetividade da salvação anunciada pela Palavra de Deus e cumprida nos sinais sacramentais.

A vida espiritual “é a eflorescência da fé”, “o incessante aspirar e inspirar da alma pela oração”, “o exercício da virtude: - a ascese”, deve tornar-se a própria Liturgia⁵. Podemos, pois, considerar a Espiritualidade litúrgica como *“o exercício (tanto quanto possível) perfeito da vida cristã com o que o homem, regenerado no Batismo, cheio do Espírito Santo recebido na confirmação, participando da celebração da Eucaristia, assinala toda a sua vida mediante esses três sacramentos, com o objetivo de crescer na santificação, dentro do quadro das celebrações que ocorrem durante o ano litúrgico, por meio de uma oração contínua e das atividades da vida quotidiana, mediante a conformação com Cristo crucificado e ressuscitado, na esperança da última e suprema realização escatológica, em louvor da glória de Deus”*⁶

A Espiritualidade litúrgica é, portanto, a realização do mistério de Cristo na liturgia da Igreja, sabendo que a Liturgia *“é o cume para o qual se dirige a atividade da Igreja e, ao mesmo tempo, a fonte de onde provém toda a sua força. Na verdade, os trabalhos de apostolados destinam-se a conseguir que todos os que se tornaram filhos de Deus pela fé e pelo Batismo se reúnam em assembleia, louvem a Deus no meio da Igreja, participem no sacrifício e comam a Ceia do Senhor. (...) Da Liturgia, pois, em especial da Eucaristia, como de uma fonte, corre sobre nós a graça e alcança-se com a máxima eficácia a santificação dos homens em Cristo e a glorificação de Deus a que se destinam, como a seu fim, todas as outras atividades da Igreja”* (SC 10)⁷.

Estes dois grandes conceitos: “cume” e “fonte”, evidenciam profundamente a natureza específica da espiritualidade litúrgica, na qual devemos introduzir todos os fiéis para que assumam e vivam uma vida plenamente espiritual, ou seja, em comunhão com Cristo e com o Espírito Santo.

⁴ “Numa palavra, como poderemos celebrar a Liturgia, se não a vivermos? E o inverso também é verdade: não poderemos vivê-la, se não a celebrarmos” in J. CORBON, *A fonte da Liturgia*, Ed. Paulinas, Lisboa 1999, p. 98

⁵ A. COELHO, A importância da Cultura Litúrgica na Vida espiritual, Secretariado Nacional de Liturgia, Fátima, 2018, pp. 26-28.

⁶ B. NEUNHEUSER, *Spiritualità litúrgica*, o.c., p. 1420. Podemos encontrar outra definição mais sintética sobre a Espiritualidade litúrgica em: C. VAGAGGINI, *Il senso teológico della liturgia*, Ed. San Paolo, 1999, p. 624: “(...) é aquela espiritualidade na qual a concretização específica e o relativo ordenamento sintético próprio dos diversos elementos comuns a qualquer espiritualidade católica como meios em ordem à perfeição cristã são determinados pela própria liturgia”.

⁷ Esta é a doutrina já expressa na Encíclica de Pio XII, *Mediator Dei* de 20. 11.1947, nº 520 s.

A primeira finalidade da espiritualidade litúrgica consiste em cumprir de modo devido toda a ação sagrada, tomando parte dela de modo “consciente, ativo e frutuoso” (SC 11), mediante uma “participação plena, consciente e ativa” (SC 14). Aí se encontra a fonte primeira e mais importante, “em que os fiéis podem beber o autêntico espírito cristão” (SC 14).

A participação é um termo muito recorrente na liturgia atual. Valoriza-se a dimensão do tomar parte como sinónimo de adesão consciente e não mera atividade exterior, que implica um espírito de constante conversão, um coração reconciliado, mas também partindo da ação litúrgica, a valorização do serviço na vida eclesial e num compromisso missionário. A reforma conciliar qualifica esta participação com vários adjetivos: plena (interior e exterior nas atitudes, gestos, palavras e respostas, orações, silêncios, canto), consciente (fruto de educação e de formação contínuas), ativa (harmoniosa, verdadeira, fruto de meditação, leitura, vida espiritual), piedosa, interna e externamente. Mas é preciso dar também atenção aos aspetos que a mesma realidade comporta: a ação de participar: enquanto ação humana implica atitudes interiores e exteriores; a realidade em que se participa: é o Mistério que se celebra sob a forma de memorial, o Mistério Pascal; e os participantes: a riqueza dos vários serviços ministeriais.

A participação é um direito e dever. Não é um acessório, faz parte da natureza da Liturgia, ação de todo o Povo de Deus e pertence ao carácter batismal dos fiéis⁸. Por isso, já o Papa Pio X chamava à participação “a primeira e necessária fonte do verdadeiro espírito cristão”. Esta participação constitui a principal manifestação da Igreja (cf. SC 41).

Sabemos que são diversas as formas desta participação: união interior ao sacrifício, audição da Palavra, aclamações, respostas, cânticos, atitudes, gestos e ações, silêncio (cf. SC nº 30 e 33). Que a mesma exige formação para que os fiéis a compreendam e a vivam frutuosamente (SC 21.50. 79. 114.118 e 121). Por isso se apresentam as condições necessárias para esta Participação: *“Para assegurar esta eficácia plena é necessário, porém, que os fiéis celebrem a Liturgia com retidão de espírito, unam a sua mente às palavras que pronunciam, cooperem com a graça de Deus, não aconteça de a receberem em vão (...) Devem os pastores de almas vigiar por que não só observem, na ação litúrgica as leis que regulam a celebração válida e lícita, mas também que os fiéis participem nela consciente, ativa e frutuosamente”* (SC 11).⁹

⁸ cf. Sacramentum Caritatis 52; CEP: Catequese – a alegria do Encontro com Jesus Cristo, 19

⁹ Num Discurso ao Clero de Roma a 26 de setembro de 2012, o Papa Bento XVI apontava dois princípios fundamentais de reflexão dos Padres conciliares a respeito da Liturgia: A inteligibilidade e a participação ativa: *“(…) Só uma formação permanente do coração e da mente pode realmente criar inteligibilidade e uma participação que é mais do que atividade exterior, é o entrar da pessoa, do meu ser na comunhão da Igreja e assim na comunhão com Cristo”*. E na sua Obra “Introdução ao Espírito da Liturgia”, no cap. II Liturgia e o corpo, chegaria a afirmar: *“O Concílio indicou-nos como uma ideia fundamental para a configuração da Liturgia, a palavra “participatio actuosa”...Infelizmente, o sentido dessa palavra facilmente leva a equívocos, pensando-se que se trata de um ato geral e apenas exterior, como se todos tivessem de quanto mais possível tanto melhor, ver-se em ação (...) A verdadeira ação litúrgica, na qual todos queremos participar é a ação do próprio Deus. A novidade e a particularidade da Liturgia cristã é o facto de ser o próprio Deus quem age e concretiza o essencial, elevando a Criação nova, fazendo-se acessível de modo que seja possível comunicar com Ele pessoalmente (...) A verdadeira educação litúrgica não pode consistir em aprender a ensaiar atividades exteriores, mas sim em conduzir para a verdadeira actio, que faz da Liturgia o que ela é; conduzir para o poder transformador de Deus, o qual, através do acontecimento litúrgico, queria transformar os Homens e o mundo (...) aqui há muito por fazer”*. Era sublinhando a importância desta participação, que Paulo VI no dia 4 de Dezembro de 1963, quando promulgou a Constituição referia: *“Se introduzimos qualquer simplificação nas expressões do nosso culto*

2. CARACTERÍSTICAS DA ESPIRITUALIDADE LITÚRGICA

As características da Espiritualidade litúrgica¹⁰ marcam a atitude e o carácter daqueles que se deixam guiar pela Igreja, através da vida cristã, segundo o itinerário da Liturgia.

- Espiritualidade Bíblica, histórica e profética

A Bíblia é o verdadeiro “fundamento da vida espiritual” (Verbum Domini 72); “A Palavra de Deus está na base de uma autêntica espiritualidade cristã” (VD 86).

Toda a Escritura Sagrada testemunha-nos que a Palavra de Deus foi a grande protagonista na Criação e na Economia da História da Salvação até ao “Hoje” dos momentos da intervenção de Deus na história, sempre que a escutamos com ouvidos de discípulos e a acolhemos no nosso coração. Deus disse e fez-se. Tudo aconteceu como fruto fecundo dessa Palavra, mensagem do Verbo Eterno, que só precisou para manifestar o seu poder criador, de ser recebida com fé.

Sabemos e afirmamos, que o Cristianismo é fruto dessa Palavra Criadora, viva, eficaz e Profética que não se esgota numa escrita. Deus para se revelar e manifestar o seu rosto não escolheu uma doutrina ou filosofia, mas a Palavra eterna, o Seu Filho: “O Verbo fez-se carne e habitou entre nós” (Jo 1, 14). N’Ele Deus tornou claro para nós, que acolher a Palavra é abrimo-nos à Sua mensagem, é unirmo-nos em comunhão profunda à Pessoa de Seu Filho, encetando com Ele novos caminhos na aventura e construção da nossa vida numa relação única.

Na Palavra de Deus aprendemos a conhecer o coração de Deus. E Jesus é o rosto humano, o coração aberto do Pai. Por isso, “o Evangelho é uma força de Deus para a salvação de todo o crente” (Rom 1, 16) escreveu Paulo à Comunidade de Roma.

O Concílio Vaticano II ensinou também, que na Celebração da Liturgia, a Sagrada Escritura tem grande importância. Ela torna-se a mesa por excelência onde brilha e se saboreia a Palavra.

Na Liturgia, a Palavra é-nos comunicada de maneira sublime exigindo a verdade da nossa resposta e comunhão:

e se procurámos torná-lo mais compreensível ao povo fiel e mais de harmonia com a presente linguagem, não queremos com isso diminuir de forma alguma a importância da Oração, nem postergá-la em favor de outros cuidados do ministério sagrado ou da atividade pastoral, nem tão pouco empobrecê-la na sua força expressiva e na sua fascinação artística; queremos bem ao contrário torná-la mais pura, mais genuína, mais vizinha das suas fontes da verdade e da graça, mais idónea a tornar-se património espiritual do povo”.

¹⁰ Sobre as características da Espiritualidade litúrgica consulte-se: B. NEUNHEUSER, ob. cit, pp. 79-82; J.L. MARTÍN, *No Espírito e na Verdade – Introdução teológica à liturgia*, Ed. Vozes, Petrópolis, 1996, pp. 344-347; M. AUGÉ, *Historia, Celebración, Teología, Espiritualidad*, Biblioteca Litúrgica, Barcelona, 1995, pp. 255-258.

“A Igreja venerou sempre as Sagradas Escrituras, como venera o próprio Corpo do Senhor, não deixando, sobretudo na Sagrada Liturgia, de tomar e distribuir aos fiéis, o pão da vida, tanto da mesa da Palavra de Deus como do Corpo de Cristo. Sempre as considerou, juntamente com a Sagrada Tradição, como regra suprema da sua fé” (DV 21).

Não há celebração cristã sem proclamação da Palavra de Deus, a qual suscita a fé e motiva a prece e os gestos rituais dos sacramentos. O Catecismo da Igreja Católica ao enunciar, que a Liturgia se realiza por palavras e ações refere: *“Cada celebração sacramental é um encontro dos filhos de Deus com seu Pai, em Cristo e no Espírito Santo. Tal encontro processa-se como um diálogo, através de ações e palavras. Sem dúvida, as ações simbólicas são já, só por si, uma linguagem. Mas convém que a Palavra de Deus e a resposta da fé acompanhem e deem vida a estas ações, para que a semente do Reino produza os seus frutos em terra boa. As ações litúrgicas significam o que a Palavra de Deus exprime: ao mesmo tempo, a iniciativa gratuita de Deus e a resposta de fé do seu povo” (CIC 1153).*

Por isso, *“a Liturgia da Palavra é parte integrante das celebrações sacramentais. Para alimentar a fé dos fiéis, os sinais da Palavra de Deus devem ser valorizados: o Livro da Palavra, a sua veneração, o lugar da sua proclamação, a sua leitura audível e inteligível, a homilia do ministro, que prolonga a sua proclamação, as respostas da assembleia” (CIC 1154)*

Estas afirmações vêm sublinhar, que de entre os vários modos de se ler a Palavra de Deus (exegese, estudo crítico, literário, teologia bíblica, meditação pessoal), a sua proclamação na Assembleia litúrgica é a forma própria e o lugar privilegiado onde essa mesma Palavra edifica a Igreja. Na verdade, Deus não nos ofereceu um Livro para estudar: disse palavras, realizou maravilhas, enviou mensageiros ao seu Povo até Ele mesmo, quando chegou a plenitude dos tempos se ter feito Palavra e acontecimento salvífico em Cristo.

A Palavra adquire sentido pleno quando ressoa na Igreja como mensagem de salvação de Deus ao seu povo. E isso pressupõe sempre uma comunidade que na fé a acolhe, interpreta, responde e a vive sob a ação e presença do Espírito da Verdade¹¹.

Significa que a Bíblia, a Palavra revelada se torna também Palavra de Deus celebrada e atualizada na história e nos sinais litúrgicos.

¹¹ O Papa Bento XVI na Homilia da Conclusão do Sínodo da XII Assembleia Geral Ordinária dos Bispos sobre “A Palavra de Deus na vida e missão da Igreja”, a 26 de Outubro de 2008, ao ressaltar como tantas vezes havia sido proferido no Sínodo, a Liturgia como o lugar privilegiado onde ressoa a Palavra de Deus, afirmou: *“Nela (na Liturgia) sobressai que a Bíblia é o livro de um Povo e para um povo; uma herança, um testamento entregue aos leitores, para que atualizem na sua vida a história da salvação testemunhada por escrito. Há, portanto, uma relação de recíproca pertença vital entre o povo e o Livro: a Bíblia permanece um Livro vivo com o povo, seu sujeito, que o lê; o povo não subsiste sem o Livro, porque nele se encontra a sua razão de ser, a sua vocação, a sua identidade. Esta pertença recíproca entre o povo e a Sagrada Escritura é celebrada em cada assembleia litúrgica, a qual, graças ao Espírito Santo, ouve Cristo, porque é Ele quem fala quando na Igreja se lê a Escritura e se acolhe a aliança que Deus renova com o seu povo. Portanto Escritura e liturgia convergem no único fim de levar o povo ao diálogo com o Senhor e à obediência à vontade do Senhor. A Palavra que saiu da boca de Deus e testemunhada nas Escrituras volta para Ele em forma de resposta orante, de resposta vivida, de resposta que brota do amor”.*

A Liturgia não pode prescindir das Sagradas Escrituras, pois é a Palavra de Deus que prepara e explica sempre o sentido justo e profundo da ação litúrgica, do seu sentido e valor salvífico: o que é anunciado pela Palavra é o mesmo que se realiza na Liturgia.

A Palavra de Deus proclamada na liturgia é um dos modos da presença viva do Senhor na Sua Igreja, sobretudo na ação litúrgica, pois Jesus, *“está presente na sua palavra, pois, quando na Igreja se lê a Sagrada Escritura é Ele quem fala”* (SC 7). São várias as vezes em que o Texto conciliar insiste na importância da Palavra de Deus na Liturgia. Merece particular atenção o nº 24: *“É enorme a importância da Sagrada Escritura na celebração da Liturgia. Porque é a ela que se vão buscar as leituras que se explicam na homilia e os salmos para cantar; com o seu espírito e da sua inspiração nasceram as preces, as orações e os hinos litúrgicos; dela tiram a sua capacidade de significação as ações e os sinais”*.

É a Palavra que interpela, reúne, constitui assembleia, nela se proclama a Boa Notícia da Salvação, introduz nos mistérios de Cristo, atua nas almas, santifica, converte e sobe a Deus em forma de oração. Na liturgia a Bíblia é rezada. E isso constitui sempre grande desafio a quem a proclama e a escuta: *“é necessário desenvolver aquele amor suave e vivo da Sagrada Escritura”* (SC 24). Pela Palavra proclamada na celebração litúrgica¹², a Igreja faz memória dos mistérios de Cristo para a salvação do mundo. Na obediência à Palavra a Igreja, celebrando os mistérios de Cristo, toma viva consciência de ser na história, sinal e instrumento de salvação para cada homem. A Igreja é uma Assembleia que ouve religiosamente a Palavra de Deus e a proclama com confiança. Os destinatários desta proclamação não são indivíduos, mas o povo crente de Deus reunido e congregado no amor pelo Espírito Santo; povo de filhos que se converte, mediante a escuta e o acolhimento da Palavra na Liturgia: *“O povo de Deus reúne-se, cresce, alimenta-se pela palavra de Cristo (...) Para isso é necessário ajudar os fiéis a valorizarem os tesouros da Sagrada Escritura presentes no Leccionário, por meio de iniciativas pastorais, de celebrações da Palavra e da leitura orante (lectio divina). Além disso não se esqueça de promover as formas de oração confirmadas pela Tradição: a Liturgia das Horas, as Vigílias, A oração dos salmos”* (Sacramentum Caritatis 45).

Nestas diversas expressões acolhemos e vivemos a Palavra como anúncio constante da salvação que é história pessoal e comunitária e não só Livro principal de meditação e oração.

¹² Sobre o significado litúrgico da Palavra de Deus diz-nos os Preliminares do Ordenamento das Leituras da Missa: *“Os múltiplos tesouros da palavra de Deus são apresentados de modo admirável nas várias celebrações, bem como nas diversas assembleias dos fiéis que participam nas celebrações, quando se comemora o mistério de Cristo no decorrer do ano litúrgico, ou quando se celebram os sacramentos e os sacramentais da Igreja, ou quando cada um dos fiéis responde à ação interior do Espírito Santo. Então, com efeito, a própria ação litúrgica, que se fundamenta e consolida sobretudo na palavra de Deus, torna-se um acontecimento novo e enriquece a mesma palavra com novo sentido e eficácia. Assim na liturgia a Igreja segue fielmente o modo de ler e interpretar a Sagrada Escritura que o próprio Cristo utilizou, quando exortava a perscrutar todas as Escrituras a partir do “hoje” que definiu a sua realidade pessoal”* (OLM 3); *“A Sagrada Escritura é principalmente na proclamação litúrgica fonte de vida e de força (...) Convém que todos os fiéis cristãos estejam sempre dispostos a escutar com alegria a palavra de Deus. Quando a palavra é anunciada pela Igreja e se reflete na prática da vida, ilumina os fiéis pela ação do Espírito e leva-os a viver todo o mistério do Senhor (...) Fielmente recebida a palavra de Deus desperta o coração e as suas disposições para a conversão e para uma vida resplandecente de fé, individual e comunitária, porque é alimento de vida cristã e fonte de toda a oração da Igreja”* (OLM 47).

- Espiritualidade Trinitária/ Cristológica/ Pneumatológica

A qualificação própria da espiritualidade litúrgica, vida em Cristo, que nos comunica a vida nova desde o Batismo, que é alimentada na mesa eucarística, robustecida na Confirmação e fortalecida num programa de vida espiritual pelo cumprimento dos Mandamentos e das Bem-aventuranças, se manifesta significativamente na “lex orandi” da Igreja, quando se conclui cada oração com a consciência que todo o dom salvífico vem do Pai, pelo Filho no Espírito Santo: *“Por Nosso Senhor Jesus Cristo, Vosso Filho, que é Deus, e convosco vive e reina, na unidade do Espírito Santo, por todos os séculos dos séculos. Amen”*.

A Liturgia tem como centro o mistério de Cristo, cume e cumprimento de toda a história da salvação. A Liturgia anuncia, celebra e faz presente “hoje”, aqui e agora a obra de Cristo sobre a ação do Espírito derramado na Páscoa.

Por isso, toda a Espiritualidade litúrgica, sendo espiritualidade cristã, isto é, tendo como centro Jesus Cristo, sobretudo no seu Mistério Pascal, faz a Igreja redescobrir a sua própria identidade e missão: povo santo, escolhido, chamado e reunido em assembleia pela Palavra do Vivente.

Na Liturgia a Igreja/ Assembleia se revela como um povo que crê no Senhor Jesus, Verbo eterno do Pai, vive a fé na Sua palavra e presença, acolhe o dom do Seu amor e do Seu Espírito fazendo memória da Sua Páscoa, na Palavra, nos sacramentos, particularmente na Eucaristia e nos sinais.

Na Liturgia a Igreja /Assembleia é conduzida pelo Espírito Santo ao conhecimento da verdade; por Ele é enriquecida nos dons e na unidade e comunhão; é o Espírito que a rejuvenesce com a força do Evangelho, renovando-a continuamente; é o Espírito que a leva à união consumada com o Esposo e a torna “povo reunido na unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (LG 4).

A Espiritualidade litúrgica manifesta, pois, continuamente a dimensão trinitária do mistério da salvação, reconhecendo o primado da ação salvífica de Deus, fonte e termo de toda a vida e ação, manifestada em Cristo, que conduz pela ação do Espírito Santo à comunhão com Ele e introduz o crente numa relação filial com Deus Pai.

É Jesus Cristo, que age no seu Corpo que é a Igreja (cf. Nº 7). A santificação dos homens e a glorificação de Deus, no “Espírito e verdade” é ação do próprio Cristo. Na liturgia é Cristo que presta a Seu Pai o culto perfeito e sem igual: é Ele a oferta e o oferente e nós edificamo-nos n’Ele, O lugar do encontro definitivo entre Deus e os homens.

- Espiritualidade Pascal

A Espiritualidade litúrgica fundamenta-se no Mistério pascal de Jesus Cristo, síntese de toda a Revelação/salvação.

Na Liturgia como em toda a vida cristã o Mistério Pascal ocupa o lugar essencial.

O mistério, conforme a sagrada liturgia, é ação divina de comunhão de amor e de vida. Onde Deus e o ser humano se encontram no amor, aí se realiza o mistério. E que significa “mistério pascal”?

Quem melhor o define é a própria Constituição Litúrgica:

“Esta obra da Redenção humana e da perfeita glorificação de Deus, da qual foram prelúdio as maravilhas divinas operadas no povo do Antigo Testamento, completou-a Cristo Senhor, principalmente pelo mistério pascal de Sua sagrada Paixão, Ressurreição dos mortos e gloriosa Ascensão. Por este mistério, Cristo “morrendo destruiu a morte e, ressuscitando, recuperou a nossa vida”. Pois do lado de Cristo dormindo na cruz nasceu o admirável sacramento de toda a Igreja” (SC 5)

Uma síntese admirável, encontramos-la também no Prefácio IV da Páscoa: *“Vencendo a corrupção do pecado, realizou uma nova criação. E, destruindo a morte, garantiu-nos a vida em plenitude”*

O Mistério Pascal é o apogeu da obra de salvação realizada por Cristo, é o fundamento, o centro e a fonte de toda a vida cristã. A Liturgia é, pois, vista na Constituição, como atualização da salvação realizada por Cristo no mistério da Sua Páscoa (cf. nº 6)¹³.

A obra de Cristo é pascal! (cf. Nº5). O mistério pascal é um mistério de morte e de vida. É o mistério da nossa salvação. Viver este mistério é viver o principal do Cristianismo, é morrer para o pecado e ressuscitar para a vida em graça¹⁴. Páscoa é a ação salvífica de Deus realizada e manifestada na paixão, morte e ressurreição do Senhor. Vale a pena entendermos isto a partir do rasto de luz, que nos deixa o número 6 da Constituição: *“Assim como Cristo foi enviado pelo Pai assim também Ele enviou os Apóstolos, cheios do Espírito Santo, não só para que pregando o Evangelho a toda a criatura anunciassem que o Filho de Deus, pela sua morte e ressurreição nos libertara do poder de Satanás e da morte e nos introduzira no Reino do Pai, mas também para que se realizassem a obra de salvação que anunciavam mediante o sacrifício e os sacramentos, à volta dos quais gira toda a vida litúrgica”*. Esta espiritualidade supõe entre outras estas atitudes fundamentais: a compaixão, que vai acompanhada do juízo a respeito do que é a fragilidade, o pecado e a misericórdia divina, o reconhecimento do grande amor de Deus pelo mundo na entrega do Seu próprio Filho (cf. Jo 3, 16; Gl 2, 20); e a alegria que brota de uma vida nova, da presença de Cristo no mundo e a cada um de nós pela Sua Ressurreição e na dádiva do dom do Seu Espírito.

¹³ O Papa Bento XVI num Discurso ao Clero de Roma de 26 de setembro de 2012, afirmaria sobre o que foi realmente essencial na discussão do Tema da liturgia: *“O mistério pascal como centro do ser cristão, da vida cristã, do ano, do tempo cristão, expresso no tempo pascal e no Domingo (...) Sempre de novo começamos o nosso tempo com a Ressurreição, com o encontro com Cristo Ressuscitado e assim partimos para o mundo. Neste sentido, é um pecado que hoje se tenha transformado o Domingo num dia de fim de semana, enquanto ele é o primeiro dia, o início da nova criação, o início da recriação na Igreja, encontro com o Criador e com Cristo Ressuscitado”*.

¹⁴ Ouçamos a voz de um Padre da Igreja, que resume o Mistério pascal com estas palavras cheias de poesia e profundidade: *“Ficai sabendo, caríssimos: o mistério pascal é um mistério novo e antigo, eterno e transitório, corruptível e incorruptível, mortal e imortal. É mistério antigo em relação à Lei, novo em relação à Palavra Encarnada; é transitório na sua figura, eterno pela sua graça; é corruptível pela imolação do Cordeiro, incorruptível pela vida do Senhor; é mortal pela sua sepultura na terra, imortal pela sua ressurreição de entre os mortos”* (Melitão de Sardes, Sobre a Páscoa. Séc. II).

- Espiritualidade Eclesial/ sacramental

Em significação cristã, Igreja¹⁵ é a assembleia dos membros da comunidade dos cristãos, reunidos em nome do Senhor para a celebração dos mistérios da fé cristã. Da Igreja-assembleia, a expressão passou também para o lugar da reunião, a Igreja-casa, a “domus ecclesiae”, espaço para uma assembleia que aí reúne para celebrar a Liturgia. Na linguagem cristã dizemos “Assembleia reunida para a celebração da fé”.

A Igreja é uma realidade visível, mas também divina. É construção de Deus em Jesus Cristo. É sinal d’Ele e da Sua presença no mundo como Ele o desejou ao enviar os discípulos ao mundo a anunciar a Palavra e a Batizar. Esta é a missão fundamental da Igreja: conduzir a uma experiência de encontro com o Senhor.

Gostaria de vos convidar a escutar as palavras da Igreja em oração, que bem nos introduzem nesta dimensão: *“E constituíste a Igreja como cidade santa, edificada sobre o alicerce dos Apóstolos, tendo como pedra angular o próprio Cristo Jesus; mas que há-de erguer-se, construída com pedras escolhidas, vivificadas pelo Espírito Santo, cimentadas pela caridade, cidade onde sereis tudo para todos pelos tempos sem fim e onde brilhará perpetuamente a luz de Cristo”* (Prefácio I No Dia da Dedicção de uma Igreja).

A Igreja, comunidade nova dos discípulos de Jesus, é o santuário vivo onde Deus está presente. Pois como referem as Escrituras, Deus não habita em Templos construídos por mãos humanas (Act 17, 24); Ele habita na sua comunidade, na Casa de pedras vivas, que por meio da “pedra angular” Cristo é mantida unida no Espírito Santo como um edifício vivo (cf. Ef 2, 19-22).

A Igreja, Povo santo de Deus é o “Corpo místico do Cristo”, a Sua Esposa purificada pela imersão nas águas da nova regeneração e associada à adoração do Pai.

A Liturgia sublinha sempre a dimensão eclesial da experiência cristã apresentando sobre ela imagens muito sugestivas: povo, rebanho, lavoura, casa, família, ou mesmo introduzindo-nos na realidade misteriosa da Igreja também chamada: corpo místico de Cristo, esposa, mãe, nova Eva, Cidade santa, cidade de Deus, Jerusalém celeste, reino de Deus. Mas a dimensão eclesiológica da liturgia faz-se sobretudo evidente na celebração dos sacramentos, meios de participação direta e eficaz nos atos redentores de Cristo, particularmente no Seu mistério pascal.

A espiritualidade litúrgica constitui um grande desafio e estímulo para que o crente não simplesmente celebre o encontro com a pessoa de Cristo, mas deseje e aprenda a conformar toda a sua vida ao que vai celebrando.

¹⁵ “EKKLESÍA” é vocábulo grego, que provem de “Kaleo”, chamar: exprime convocação e daí reunião, assembleia reunida. O Ritual da Dedicção da Igreja, ao falar sobre o mistério da Igreja inicia assim: *“Pela sua morte e ressurreição, Cristo tornou-se o verdadeiro e perfeito templo da Nova Aliança e congregou o povo que Deus tornou seu. Este povo santo, reunido na unidade que procede do Pai e do Filho e do Espírito Santo é a Igreja, o templo de Deus edificado de pedras vivas, no qual o Pai é adorado em Espírito e verdade. Com razão, pois, desde os tempos antigos, se chamou também igreja ao edifício onde a comunidade cristã se reúne para aí ouvir a palavra de Deus, orar em conjunto, receber os sacramentos, celebrar a Eucaristia”* (RDI 1).

- Espiritualidade mistagógica e mística

Na Liturgia não apresentamos ideias e refletimos conceitos, mas celebramos e vivemos acontecimentos da Graça, entrando em contacto e comunhão com o mistério salvador de Deus, manifestado no dom do Seu Filho Jesus Cristo, onde transformamos e renovamos a nossa vida. Assim dizemos que a Liturgia é mistagogia¹⁶, epifania do mistério. Ela nos inicia no mistério, celebrando-o e atualizando-o na vida. A Mistagogia é a arte de sermos iniciados neste mistério de Cristo do qual ganha sentido todas as obras salvadoras da sua vida e que são atualizadas na celebração da Liturgia. Ela mesma nos faz compreender aquilo que os sacramentos significam para a nossa vida, mas que supõem sempre a iluminação da fé e a verdade do amor.

Porque toda a liturgia inicia ao mistério celebrando-O e porque cada vez mais se torna fundamental saber se os fiéis consideram significativa para as suas vidas a celebração litúrgica e vivem da liturgia que celebram, é importantíssimo redescobrir este processo mistagógico e formativo tão experimentado pelos padres da Igreja em relação ao último tempo da iniciação cristã no âmbito da Liturgia, para que todos sejam melhor introduzidos no mistério que celebram, saibam entender que a própria celebração já é em si mesma mistagógica porque nos introduz na comunhão com o mistério e o revela, e assim enriqueçam as próprias vidas abrindo-se a um compromisso cristão e eclesial, expressão da vida nova em Cristo.

Educar para a Celebração, não é somente uma animação litúrgica, mas uma verdadeira pastoral no sentido de ser uma ciência e uma bela arte de tornar os sinais e as palavras da liturgia profundamente comunicativos. Por isso percebe-se que o grande objetivo da reforma litúrgica tenha sido o de suscitar uma espiritualidade e uma pastoral que tenham como cume e fonte a Liturgia. O Papa Francisco sublinha também o valor da Liturgia e desta educação litúrgica ao afirmar: *“A Igreja evangeliza e se evangeliza com a beleza da Liturgia, que é também celebração da atividade evangelizadora e fonte dum renovado impulso para se dar”* (EG 24).

A educação litúrgica não se reduz ao ensino de como se celebra, mas sobretudo a fazer compreender a teologia da própria celebração: o que se celebra, o porquê e o para que se celebra. A mistagogia é este exercício fecundo de podermos perceber a manifestação de Deus na vida. Por isso, educar liturgicamente é uma iniciação à comunhão com Deus através da linguagem humana nas orações e nas atitudes fundamentais que se exigem pela própria Celebração: as várias linguagens (verbal e não verbal), a simbólica, a dimensão da escuta, os ritos, os sinais e gestos, o canto, o silêncio. O objetivo é conduzir cada vez mais a uma participação ativa, consciente e frutuosa e a mergulhar na infinita beleza do mistério que se exprime na arte celebrativa.

Grande e urgente desafio saber compreender e valorizar a dinâmica interior e a pedagogia da própria celebração nos vários elementos que a constituem e que isto possa favorecer e contribuir para uma celebração em profundidade onde se aprenda a viver na própria vida esse Mistério, que nos convoca, reúne e vivifica.

¹⁶ A “Mistagogia” é uma palavra cujo valor e sentido, felizmente, estão sendo recuperados na Catequese, na Liturgia e na Teologia. É um termo composto de duas partes: “myst”, da qual vem a expressão “oculto, mistério”; e “Agogia” de “agagein”, termo que significa “conduzir, guiar”. A expressão “Mistagogia” pode traduzir-se como a ação de guiar, conduzir para dentro do mistério, mas também a ação pela qual o próprio mistério nos conduz.

- Espiritualidade missionária

Toda a Liturgia tende à diaconia, ao serviço dos irmãos e do mundo na caridade aprendida e assumida em Cristo que nos impele ao anúncio do Evangelho, ao testemunho e ao diálogo. A Igreja é convidada a manifestar ao mundo a graça recebida e celebrada no encontro com Cristo, realizando a missão que Ele confiou aos seus discípulos (cf. Mt. 28, 18-20). Assim, a Igreja, depois de reunir na sua intercessão e preces como comunidade convocada, a realidade do mundo, é convidada a tornar-se epifania, a manifestar com palavras e obras a todo o mundo a verdade que recebeu, o mistério de Cristo.

Na Exortação Apostólica “*Evangelii Gaudium*”, de 24 de Novembro de 2013 sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual, documento programático pastoral e espiritual do Papa Francisco, a Igreja é desafiada a redescobrir a alegria de poder anunciar a Boa Notícia de Jesus Cristo, o Seu amor misericordioso e gratuito; é convidada a uma pastoral e espiritualidade missionária, a um estado permanente de missão: *“sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à autopreservação”* (EG 27)

Não deixam de ser particularmente interpelativas as suas palavras: *“Hoje nota-se em muitos agentes pastorais, mesmo pessoas consagradas, uma preocupação exacerbada pelos espaços pessoais de autonomia e relaxamento, que leva a viver os próprios deveres como mero apêndice da vida, como se não fizessem parte da própria identidade. Ao mesmo tempo, a vida espiritual confunde-se com alguns momentos religiosos que proporcionam algum alívio, mas não alimentam o encontro com os outros, o compromisso no mundo, a paixão pela evangelização. Assim, é possível notar em muitos agentes evangelizadores – não obstante rezem – uma acentuação do individualismo, uma crise de identidade e um declínio do fervor. São três males que se alimentam entre si”* (EG 78); *“Nos agentes pastorais, independentemente do estilo espiritual ou da linha de pensamento que possam ter, desenvolve-se um relativismo ainda mais perigoso que o doutrinal. Tem a ver com as opções mais profundas e sinceras que determinam uma forma de vida concreta. Este relativismo prático é agir como se Deus não existisse, decidir como se os pobres não existissem, sonhar como se os outros não existissem, trabalhar como se aqueles que não receberam o anúncio não existissem. É impressionante como até aqueles que aparentemente dispõem de sólidas convicções doutrinárias e espirituais acabam, muitas vezes, por cair num estilo de vida que os leva a agarrarem-se a seguranças económicas ou a espaços de poder e de glória humana que se buscam por qualquer meio, em vez de dar a vida pelos outros na missão. Não nos deixemos roubar o entusiasmo missionário!”* (EG 80).

Para sermos evangelizadores com espírito, que rezam e trabalham precisamos fazer arder em nós o fogo do Espírito Santo, acolher o amor de Jesus, que nos faz viver a experiência de termos sido salvos e nos impele a amá-lo cada vez mais, a sermos discípulos, caminhando com Ele, falando com Ele e dele, respirando com Ele, trabalhando com Ele. *“Se queremos crescer na vida espiritual, não podemos renunciar a ser missionários”* (EG 262).

- Espiritualidade Mariana

Na Exortação Apostólica de Paulo VI, “*Marialis Cultus*” de 2 de fevereiro de 1974, sobre a reta orientação e desenvolvimento do culto à Bem-aventurada Virgem Maria, para valorizar o incremento ao culto mariano como elemento qualificante de genuína piedade eclesial, Maria, Mãe de Jesus Salvador e Mãe da Igreja é acolhida e venerada como modelo excelentíssimo da Igreja, em ordem da fé, da caridade e da perfeita união com Cristo. Modelo exemplar e digníssimo da atitude espiritual com que a Igreja celebra e vive os divinos mistérios.

Maria, é na verdade, mestra de toda a vida espiritual para cada um dos cristãos, modelo original para aprendermos a fazer da própria vida uma oferenda a Deus e aprendermos a não fazer da espiritualidade uma espécie de mercadoria tão típica de uma cultura consumista e hedonista como é aquela onde tecemos hoje as nossas vidas. A saber que não se é espiritual sem se ser religioso e que a espiritualidade não pode ser realidade privatizada e sem raízes, algo oposto ao sentido cristão de “vida no Espírito”. Que a espiritualidade cristã exige desejo e crescimento mediante a graça de Deus, vida em comunhão com Ele, mas também, seja realidade experimentada numa comunidade de crentes. De Maria acolhemos estas características:

Maria é a Virgem que sabe ouvir, que acolhe a palavra de Deus com fé. É isto que também a Igreja faz; na sagrada Liturgia, sobretudo, ela escuta com fé, acolhe, proclama e venera a Palavra de Deus, distribui-a aos fiéis como pão de vida (DV 21), à luz da mesma, perscruta os sinais dos tempos, interpreta e vive os acontecimentos da história (cf MC 17)

Maria é, além disso, a Virgem dada à oração. A oração por excelência de Maria, o cântico dos tempos messiânicos no qual confluem a exultação do antigo e do novo Israel, o Magnificat, prolongando-se, tornou-se oração da Igreja inteira, em todos os tempos. Virgem em oração aparece Maria, também, em Caná, onde, ao manifestar ao Filho, com imploração delicada, uma necessidade temporal, obteve também um efeito de graça: que Jesus, ao realizar o primeiro dos seus "sinais", confirmasse os discípulos na fé n'Ele (cf. Jo 2,1 12). Virgem dada à oração é também a Igreja, a qual todos os dias apresenta ao Pai, as necessidades dos seus filhos, e "louva o Senhor sem cessar e intercede pela salvação de todo o mundo" (SC 83) (cf. MC 18).

Maria é, depois, a Virgem Mãe, isto é, aquela que "pela sua fé e obediência, gerou na terra o próprio Filho de Deus Pai". Maternidade prodigiosa, constituída por Deus protótipo e modelo da fecundidade da Virgem-Igreja, a qual, por sua vez, "se torna também mãe, dado que, com a pregação e com o batismo gera para vida nova e imortal "os filhos concebidos por ação do Espírito Santo e nascidos de Deus" (LG 64) (cf. MC 19).

Maria é, enfim, a Virgem oferente. Esta união da Mãe com o Filho na obra da Redenção alcança o ponto culminante no Calvário, onde Cristo "se ofereceu a si mesmo a Deus como vítima sem mancha" (Hb 9,14), e onde Maria esteve de pé, junto à Cruz (cf. Jo 19,25), "sofrendo profundamente com o seu Unigênito e associando-se com ânimo maternal ao seu sacrifício, consentindo amorosamente na imolação da vítima que ela havia gerado" (LG 58). Para perpetuar ao longo dos séculos o Sacrifício da Cruz, o divino Salvador instituiu o Sacrifício eucarístico, memorial da sua Morte e Ressurreição, e confiou-o à Igreja, sua Esposa (SC 47), a qual sobretudo ao domingo, convoca os fiéis para celebrar a Páscoa do Senhor, até que Ele venha (SC 102 e 106): o que a mesma Igreja faz em comunhão com os Santos do céu e, em primeiro lugar, com a Bem-aventurada Virgem Maria, de quem imita a caridade ardente e a fé inabalável. (cf. MC 20).

3. A ESPIRITUALIDADE LITÚRGICA DOS SERVIÇOS E MINISTÉRIOS

A espiritualidade litúrgica como apresentámos, consiste numa atitude interior, na disponibilidade sincera para celebrar de modo vivo e frutífero os grandes momentos sacramentais da vida cristã e da Igreja. Deseja-se que essa atitude ou disponibilidade possam conduzir o crente a assumir aquilo que a Igreja celebra na própria Liturgia. Assim, a participação consciente, ativa e plena da fé e o propósito de inserir a própria vida no mistério de Cristo presente e operante na Liturgia constituem o caminho aberto a todos os batizados para formarem a vida à imagem e semelhança de Cristo, sabendo que o objetivo de toda a espiritualidade é sempre a vida em Cristo, a vida no Espírito.

Toda esta realidade é avivada na verdade da Assembleia litúrgica, manifestação da verdade da Igreja, povo santo de Deus convocado pela Sua Palavra, povo de crentes reunido em Cristo Ressuscitado, comunidade ministerial, como refere a Constituição litúrgica: “(...) a principal manifestação da Igreja se realiza numa participação plena e animada de todo o povo santo de Deus nas mesmas celebrações litúrgicas, sobretudo na mesma Eucaristia, numa única oração, num só altar, onde o Bispo preside rodeado pelo seu Presbitério e pelos ministros” (SC 41).

Merecem particular relevo as palavras: “As ações litúrgicas não são ações privadas, mas celebrações da Igreja (...) Por isso, tais ações pertencem a todo o Corpo da Igreja, manifestam-no e afetam-no; porém atingem cada um dos seus membros de modo diverso, segundo a diversidade dos estados, das funções e da atual participação” (SC 26); “Nas celebrações litúrgicas, cada qual, ministro ou fiel, no desempenho do seu ofício, faça tudo e só aquilo que lhe compete, segundo a natureza do rito e as normas litúrgicas” (SC 28).

Vejamos a partir da “lex orandi” da Igreja, palavras que dizem a fé e necessárias para a fé se dizer, como estas características da Espiritualidade litúrgica já apresentadas (Bíblica, Trinitária, Pascal, Eclesial e Sacramental, Mistagógica, Missionária e Mariana) estão presentes na realidade dos vários serviços ministeriais¹⁷: os ministérios ordenados, que pelo sacramento da Ordem configuram os fiéis a Cristo Bom Pastor e Mestre – Diácono, Presbítero e Bispo; os ministérios instituídos, que não recebendo a imposição das mãos, mas a instituição, habilitam a um serviço em ordem à edificação da Comunidade – Leitor, acólito, catequista; e os ministérios reconhecidos, que têm carácter oficial, mais ou menos permanente, mas não são instituídos, simplesmente confiados ocasionalmente ou com alguma estabilidade – Ministros Extraordinários da Comunhão.

Estas palavras da Igreja na Oração sublinham que os ministérios na Igreja não são um estatuto ou um estado, mas são um elemento constitutivo da própria Igreja, um serviço, uma função e não um privilégio de poder. São dons do Espírito Santo, necessários à construção e comunhão das comunidades e ao seu empenhamento no serviço ao mundo, âmbito no qual germinaram e se desenvolveram. Aos ministros se exige fé profunda e não apenas capacidade humana, intelectual e técnica para o exercício do ministério. Que acreditem no que proclamam e amem o que celebram participando nas ações litúrgicas ativa e plenamente.

¹⁷ Sobre os Ministérios pode consultar-se: Constituição conciliar *Lumen Gentium* 9-14; Decreto conciliar *Apostolicam Actuositatem* (18.11.1965) 3.4.30; Motu Proprio *Ministeria Quaedam* (05.08. 1972); PAULO VI, *Evangelii Nuntiandi* (1975) nº 73; Catecismo da Igreja Católica 1143; Introdução Geral ao Missal romano, 91-111; Ministérios laicais para uma Igreja ministerial, CEP, 2022.

MINISTÉRIOS ORDENADOS

Os Pastores da Igreja têm peculiar responsabilidade na atividade pastoral da Igreja a qual é constituída pelo tríplice múnus de ensinar, santificar e governar. O ministério dos Bispos pela dimensão apostólica que lhe é própria é o sinal visível do amor de Deus à sua Igreja e o instrumento de unidade do Povo cristão. São os principais dispensadores dos dons de Deus, pais e pastores, mestres e anunciadores da fé tendo como missão primeira o anúncio do Evangelho.

BISPO

No rito das promessas do eleito: “Queres consagrar-te até à morte, ao ministério episcopal (...) que te vai ser transmitido com a graça do Espírito Santo?”; “Queres anunciar o Evangelho de Cristo com fidelidade e constância?”; “Queres perseverar na oração a Deus Pai Todo-poderoso em favor do povo santo e exercer o sumo sacerdócio com toda a fidelidade?”.

Na oração de Ordenação: “Enviai agora sobre este eleito a força que de vós procede, o Espírito Soberano (...) distribua os ministérios conforme o vosso desígnio (...) vos seja agradável pela mansidão e pureza do coração, oferecendo-vos a sua vida em sacrifício”

Na entrega dos Evangelhos e Insígnias: “Recebe o Evangelho e anuncia a palavra de Deus com toda a paciência e doutrina”; “Recebe este anel sinal de fidelidade; sê fiel à Igreja e guarda-a como esposa santa de Deus”; “Recebe a mitra e brilhe em ti o esplendor da santidade”; “Recebe o báculo, símbolo do múnus de Pastor, e cuida de todo o rebanho no qual o Espírito Santo te constituiu como Bispo”.

PRESBITERO

Configurados a Cristo Sacerdote, de modo a agirem em nome de Cristo cabeça (cf. PO 2) os presbíteros têm como primeiro dever anunciar a todos o Evangelho de Deus e exercer a caridade pastoral. Por missão são os servidores da Palavra, edificando e dirigindo as comunidades que devem servir na caridade de Cristo, no zelo pastoral.

No rito das promessas do eleito: “Queres exercer digna e sabiamente o ministério da palavra?”; “Queres celebrar com fé e piedade os mistérios de Cristo?”; “Queres unir-te cada vez mais a Cristo (...) e consagrar-te a Deus para salvação dos homens?”

Na oração de Ordenação: “Renovai em seu coração o Espírito de santidade (...) pela sua pregação, as palavras do Evangelho frutifiquem, pela graça do Espírito Santo (...) seja fiel dispensador dos vossos mistérios”

Na entrega do Pão e do vinho: “Toma consciência do que virás a fazer; imita o que virás a realizar, e conforma a tua vida com o mistério da Cruz do Senhor”.

DIÁCONO

Os diáconos manifestam que a missão da Igreja é fundamentalmente um serviço, imitação e reatualização dos gestos daquele que veio para servir e não para ser servido (cf. Mt 10, 45), que deu a vida pela salvação do mundo. Pela ação e testemunho de vida devem ser testemunhas visíveis da força do Evangelho de Jesus, pelo qual as comunidades se possam orientar, exigindo deles um espírito de humildade e generosidade.

“Devem, em razão da ordem que receberam, superar grandemente os outros na prática da vida litúrgica, no amor da oração, no serviço de Deus, na obediência, na caridade e na castidade” (cf. EDREL 2588)

No rito das promessas do eleito: “Queres consagrar-te ao serviço da Igreja pela imposição das minhas mãos e pelo dom do Espírito Santo?”; “Queres exercer o ministério com humilde caridade?”; “Guardar o mistério da fé em consciência pura e proclamar esta fé, por palavras e obras, conforme o Evangelho e a tradição da Igreja?”; ser possuidor de “um coração consagrado a Cristo?”; celebrar fielmente e “imitar sempre em tua vida o exemplo de Cristo, a cujo corpo e sangue servirás no altar?”.

Na oração de Ordenação: “Enviai sobre ele, Senhor, o Espírito Santo, que o fortaleça (...) Brilhe nele as virtudes evangélicas (...) e a docilidade à disciplina espiritual (...) Permaneça em Cristo firme e constante”

Na entrega do Livro dos Evangelhos: “Recebe o Evangelho de Cristo, que tens missão de proclamar. Crê o que lês, ensina o que crês e vive o que ensinas”.

Estes Ministérios Ordenados são ícones e sacramento de Cristo. Por isso devem estar e viver sempre em comunhão com Ele e a Ele unidos exprimindo claramente o sentir da Igreja. Assim o apresenta o Catecismo da Igreja: “*Uma vez que é na Eucaristia que se manifesta plenamente o sacramento da Igreja, é em primeiro lugar na presidência da Eucaristia, que aparece o ministério do Bispo, e, em comunhão com ele, o dos presbíteros e dos diáconos*” (CIC 1142). Devem servir com dignidade e humildade para que por eles se veja a presença viva de Cristo (cf. IGMR 93).

MINISTÉRIOS INSTITUIDOS

Foi a eclesiologia emanada pela Constituição conciliar *Lumen Gentium* (cf. LG 9-17. 31), assente na identidade de toda a comunidade como Povo sacerdotal associado a Cristo Sacerdote, que motivou mais profundamente a participação dos fiéis, não só na celebração dos mistérios, mas nos seus vários ministérios: “*Deste modo (cumprindo cada um o seu ofício), o povo cristão, “geração eleita, sacerdócio real, nação santa, povo resgatado” manifesta o seu ordenamento coerente e hierárquico*” (IGMR 91). Partícipes da missão da Igreja, a partir do Sacramento do Batismo, todos são chamados a uma corresponsabilidade, cada um a partir da sua identidade, para edificação da Comunidade. São vários os âmbitos destes serviços e ministérios: a Palavra, a caridade, a direção das comunidades, a evangelização. Apresentamos os já reconhecidos pela CEP:

LEITOR

Oxalá suceda na realidade a quem proclama a Palavra o que refere o Catecismo: “*É o Espírito Santo que dá aos leitores e ouvintes, segundo a disposição dos seus corações, a inteligência espiritual da Palavra de Deus. Através das palavras, ações e símbolos, que formam a trama duma celebração, o Espírito Santo põe os fiéis e os ministros em relação viva com Cristo, Palavra e Imagem do Pai, de modo a poderem fazer passar para a sua vida o sentido daquilo que ouvem, vêem e fazem na celebração*” (CIC 1101).

Palavras propostas para a Homilia: “Como Leitores que proclamam a Palavra de Deus, ides prestar uma grande ajuda nesta missão. Para isso recebereis no povo de Deus um ofício particular, e sereis designados para servir a fé, que tem a sua raiz na Palavra de Deus. Haveis de ler a Palavra de Deus na assembleia litúrgica, educareis na fé as crianças e os adultos, prepará-los-eis para receberem dignamente os Sacramentos, e anunciareis a Boa Nova da salvação aos homens que ainda a não conhecem. (...)”

Quando anunciardes aos outros a Palavra de Deus, recebei-a vós também em docilidade ao Espírito Santo, meditai-a atentamente, para adquirirdes cada vez mais o suave e vivo amor da Sagrada Escritura, e com a vossa vida, revelai o Salvador, Nosso Senhor Jesus Cristo.

Na Oração: “(...) concedei que, meditando assiduamente a vossa Palavra, sejam nela instruídos e fielmente a anunciem aos seus irmãos”.

Entrega do livro da Sagrada Escritura: “(...) anuncia fielmente a Palavra de Deus, para que ela seja cada vez mais viva no coração dos homens.

ACÓLITO

Conforme a identidade manifestada na própria expressão (acólito vem do grego “akoluthein”, seguir, acompanhar; de “Keleuthos – caminho) deseja-se que o acólito viva o que celebra e serve: Jesus Cristo, Caminho, Verdade e Vida; e seja seu servidor, particularmente no serviço do altar e dos sacramentos, manifestando com sincera piedade, na bondade e na alegria, a grandeza do mistério pascal do Senhor.

Palavras propostas para a Homilia: “A Igreja tem o vértice e a fonte da sua vida na Eucaristia, e é pela Eucaristia que o povo de Deus se edifica e cresce. A vós se confia o ministério de ajudardes os presbíteros e os diáconos no desempenho das suas funções, e de distribuírdes aos fiéis, incluindo os doentes, como ministros extraordinários, a sagrada Comunhão. Destinados de modo particular a este ministério, procurai viver cada vez mais do sacrifício do Senhor e conformar-vos com ele cada vez mais perfeitamente; esforçai-vos por apreender o sentido íntimo e espiritual daquilo que realizais, e oferecei-vos todos os dias a Deus como vítimas espirituais que Lhe são agradáveis por Jesus Cristo. Ao realizar o vosso ministério, muito vos ajudará lembrar-vos que, participando de um só pão com os vossos irmãos, formais com eles um só corpo. Por isso, amai sinceramente o Corpo Místico de Cristo, ou seja, o Povo de Deus, sobretudo os fracos e os doentes, e vivei segundo o mandamento que o Senhor deu aos seus Apóstolos na última Ceia: «Amai-vos uns aos outros, como Eu vos amei».

Da Oração de bênção: “(...) fazei que sejam assíduos no serviço do altar, distribuam fielmente aos seus irmãos o Pão da vida, e cresçam cada vez mais na fé e na caridade para edificação da vossa Igreja.

Na entrega a cada do vaso do pão ou com o vinho a consagrar: “Recebe este vaso com o pão (ou: com o vinho) para a celebração da Eucaristia, e vive de tal modo que possas servir dignamente a mesa do Senhor e da Igreja.

CATEQUISTA

A Catequese é uma experiência de vida, um encontro que transforma a existência, um ensino, um aprofundamento progressivo da fé, depois de um primeiro e decisivo encontro com Jesus ou da Comunidade que já O escuta e vive d'Ele. É uma caminhada pedagógica, guardando fidelidade a Deus e é missão humilde e generosa no anúncio e testemunho do Evangelho a todas as pessoas. O seu objetivo é o de ajudar na edificação do "Homem novo", isto é, conduzir cada criatura humana a Jesus, o Cristo, e fazer que adquiram pela fé n'Ele uma plena maturidade humana e espiritual.

Palavras propostas para Homilia: "Todos os batizados, enquanto participantes na missão de Cristo sacerdote, profeta e rei, têm parte ativa na vida e na atividade da Igreja. Alguns, de entre eles, recebem uma vocação especial para exercer ministérios instituídos pela igreja. O vosso ministério deve sempre apoiar-se numa vida de profunda oração, deve edificar-se na sã doutrina e ser animado por um genuíno zelo apostólico".

Da Oração: "Pai santo, que nos fazeis participantes na missão do vosso filho e enriqueceis a vossa Igreja com abundantes dons do Espírito, Abençoai este vosso filho (a) escolhido para o ministério de Catequista (...) Vivam plenamente o seu Batismo cooperando com os pastores nos diversos géneros de apostolado para a edificação do Vosso reino"

Entrega da Cruz: "Recebe este sinal da nossa fé. Cátedra da Verdade e da caridade de Cristo, e anuncia-o com a vida, os costumes e a palavra"

CONCLUSÃO

A vida espiritual, verdadeiramente cristã, não constitui um desafio menor à nossa vida e à realidade ministerial. A espiritualidade de todos os cristãos, espiritualidade alimentada e alicerçada na Liturgia, vivenciada e testemunhada ministerialmente, pode definir-se como um seguimento de Cristo Ressuscitado fortalecido pelo dom e luz do Seu Espírito; um processo de humanização, forjando autênticas pessoas integradas, desprendidas, capazes de entregar-se aos outros, internamente realizadas no seu aspeto individual, comunitário e até cósmico; uma forma de glorificação de Deus, enquanto vida unificada no mistério da Santíssima Trindade, num encontro amoroso com o Pai, o Filho e o Espírito Santo.

"É por isso que a Igreja procura, solícita e cuidadosa, que os cristãos não entrem neste mistério de fé como estranhos ou espectadores mudos, mas participem na ação sagrada, consciente, ativa e piedosamente, por meio duma boa compreensão dos ritos e orações; sejam instruídos pela palavra de Deus; alimentem-se à mesa do Corpo do Senhor; deem graças a Deus; aprendam a oferecer-se a si mesmos, ao oferecer juntamente com o sacerdote, que não só pelas mãos dele, a hóstia imaculada; que, dia após dia, por Cristo mediador progridam na unidade com Deus e entre si, para que finalmente Deus seja tudo em todos" (SC 48)

Assim, todo o serviço ministerial não deve fazer outra coisa que orientar e conduzir para o Senhor. E por isso viver para a Liturgia e viver da Liturgia é fundamental. Só a união pessoal, comunitária e profunda a Cristo assegurará a fecundidade do apostolado e dos serviços ministeriais. E Cristo pode ser encontrado na Palavra, na participação ativa na Liturgia, particularmente na Eucaristia, na oração pessoal e silenciosa, no compromisso da caridade e na diaconia do mundo.